

Pinturas Rupestres e Sonoridades Imaginadas: a experiência de um projeto de Artes no Ensino Médio Integrado

Comunicação

Tânia Mello Neiva
taniamelloneiva@gmail.com

Resumo: Nesta comunicação apresento o relato de experiência de uma exposição realizada com trabalhos elaborados por alunos do Ensino Médio Integrado do IFRN-Parelhas que teve como tema as pinturas rupestres do "Sítio Mirador" em Parelhas, no Rio Grande do Norte. O objetivo desse relato é refletir sobre caminhos possíveis para a disciplina de Artes na escola, integrando a realidade local à apreciação, pesquisa e prática significativas em artes. O projeto, desenvolvido ao longo de um semestre, envolveu etapas como pesquisa bibliográfica, visita ao local, experimentação com gravadores e editores de áudio, elaboração de projetos criativos, produção de tintas naturais e montagem e desmontagem da exposição com trabalhos de Instalação com rochas pintadas e paisagens sonoras. Os resultados obtidos foram significativos, pois além de aprofundarem a reflexão sobre arte e sociedade, a função da arte e o próprio fazer artístico contextualizado, os alunos também desenvolveram habilidades artísticas e conhecimentos sobre diferentes técnicas e gêneros artísticos.

Palavras-chave: Artes no Ensino Médio Integrado, Produção artística integrada com uso de tecnologia na escola.

Artes na escola

Nesta comunicação apresento um projeto realizado na disciplina de Artes no Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN campus Parelhas em 2023. O projeto foi realizado no primeiro semestre da disciplina (ARTE I e II) com as turmas dos cursos de Informática e de Mineração. Consistiu em produção de uma obra artística de instalação com rochas pintadas incluindo uma parte sonora – ou seja uma instalação visual/sonora –, baseada em pesquisa sobre pinturas rupestres. O objetivo da comunicação é refletir sobre possibilidades para ensino de música e artes no ensino médio através do compartilhamento e análise de um relato de experiência.

A disciplina de Artes é obrigatória nos currículos escolares da Educação Básica no país desde a Lei de Diretrizes e Bases 9.394 de 1996. Sua inclusão como disciplina obrigatória percorreu uma longa trajetória de idas e vindas, práticas e concepções que ora entendiam Artes como o estudo do desenho e do canto, ora como práticas livres e sem muita orientação,

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



em que o professor deveria abordar as quatro linguagens (música, artes visuais, dança e teatro) em uma perspectiva polivalente sem muito aprofundamento em nenhuma delas¹. Hoje, o grande campo “Artes” é constituído por quatro áreas, a saber: Música, Dança, Artes Visuais e Teatro além das chamadas Artes – Híbridas, que englobam as produções de audiovisual, performance, circo, entre outras.

A permanência das Artes no currículo escolar ainda é frágil, mesmo estando garantida em lei. A inclusão da música (e das artes em geral) nos currículos da escola básica, criou uma demanda específica por formação superior em educação musical (ou em cada linguagem especificamente), que considerasse não só o contexto das escolas especializadas e dos conservatórios, mas também, e, arrisco dizer, prioritariamente, o contexto do ensino básico. Ou seja, uma educação musical que se baseia numa realidade mais ampla (em relação ao ensino de música nas escolas especializadas ou nos conservatórios, por exemplo) na qual o objetivo não é formar instrumentistas, e cujas condições nem sempre garantem acesso a instrumentos musicais da tradição (seja erudita, seja popular)². Os cursos superiores em Educação Musical têm sido de grande importância na promoção de pesquisa e reflexão sobre o objetivo e a função da música na escola e em variados espaços formativos. E, têm produzido uma grande variedade de material reflexivo e didático, através de encontros, congressos, debates e

¹ A polivalência no ensino de artes, marcante na década de 1970 com a promulgação da LDB 5.692/71 a qual estabeleceu a Educação Artística como obrigatória nos currículos das escolas regulares da Educação Básica, foi muito criticada. A partir da organização e luta das áreas (música, artes visuais, dança e teatro), a LDB 9394/96 estabeleceu a obrigatoriedade do ensino das Artes. Embora ainda não considerasse no corpo do texto a especificidade de cada linguagem, ela sugere a não continuidade das práticas polivalentes características da LDB anterior na medida em que deixa de usar o termo Educação Artística e, além disso, no mesmo período de promulgação da LDB 9394/96, documentos orientadores dos currículos nacionais, como os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, determinavam a especificidade de cada linguagem artística, considerando-as como campos de conhecimento (QUEIROZ, 2012, 32-33). O volume dedicado às Artes, é de 1998 e em suas 116 páginas dedicadas ao ensino fundamental estabelece conceitos, valores, práticas e reflexões a respeito de cada linguagem: Música, Dança, Artes Visuais e Teatro. O PCN para o ensino médio segue o mesmo modelo, contudo de forma mais concisa.

² A música tem uma tradição instrucional consolidada no país, especialmente, em escolas especializadas e conservatórios – cujos modelos se firmaram no país a partir, principalmente, dos referenciais dos conservatórios de música de Viena e Paris, do século XIX (QUEIROZ, 2020). Contudo, o ensino de música no ensino básico não segue necessariamente essa lógica. Nesses espaços, o foco está na aprendizagem de um instrumento musical, visando a formação de solistas, músicos de orquestra, ou músicos para tocar em bandas de música popular. Muitas vezes, é uma formação voltada para a profissionalização em música, embora não seja o único objetivo. Já no ensino básico, o objetivo do ensino de música não é a formação de instrumentistas, muito menos a profissionalização. Além disso, devido à falta de recursos e estrutura, o ensino de música nas escolas adota diferentes abordagens, que muitas vezes não incluem o uso de instrumentos musicais tradicionais. (PENNA, 2010).

publicações, contribuindo, inclusive, na formulação de propostas adotadas nos documentos diretivos da educação em âmbito nacional, como os PCNs, os DCNs e a BNCC, por exemplo.

Mesmo com a grande diversidade de material produzido por educadores musicais voltados para educação básica, frequentemente, a prática docente cotidiana nas escolas não se relaciona com essa produção, sendo, muitas vezes ainda caracterizada pela reprodução de experiências, além de refletir a grande distância entre o que é abordado nos cursos de licenciatura, o que se produz em termos de pesquisa em educação musical e o que se realiza na prática nas escolas. Isso tem sido verificado por diferentes pesquisadores. Ribeiro (2017, p. 249), por exemplo, em sua pesquisa de mestrado investigou as práticas de professores de música nos IFs (Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia), e observou que “as concepções e práticas curriculares dos professores de música investigados pouco se relacionam com a literatura da área da educação musical.” Para ele, essa falta de busca na literatura especializada contribui para a “reprodução de modelos, para a perpetuação de mitos, para a experimentação desprovida de fundamentos, para a ausência de renovação pedagógica.” (RIBEIRO, 2017, p.249). Ou seja, não se pratica a renovação necessária própria do campo da educação. As práticas de ensino de música são diversas, e diferentes abordagens e concepções podem ser observadas, dependendo do professor. Isso se aplica também à grande área das Artes. Como destaca Penna (2010):

"(...) a extrema liberdade encontrada na área de Arte permite, na verdade, todo tipo de prática educativa: desde a atuação do professor em função do calendário de datas comemorativas até atividades sem direcionamento, em nome da expressão criativa espontânea, passando por programas de desenho geométrico ou história da arte, nos moldes do ensino tradicional, com aulas expositivas e por vezes incluindo até mesmo a cópia de textos passados no quadro." (PENNA, 2010, p. 158)

Uma questão central para o ensino de artes e música na educação brasileira é a necessidade de concepções de cultura que reconheçam a identidade das pessoas envolvidas, promovendo autonomia de pensamento e valorização do conhecimento, arte e cultura.

O projeto desenvolvido no IFRN-Parelhas em 2022 com alunos dos primeiro e segundo anos teve como um de seus principais objetivos propiciar a reflexão sobre a realidade do entorno, do contexto dos alunos, a apropriação de ferramentas técnicas artísticas e a criação de mundos possíveis através da arte dialogando com o que foi investigado, no caso as pinturas rupestres do Sítio Mirador, na cidade de Parelhas, RN.

A Arte conta Sua História

“Mas esquecemos que, muitas vezes, diversos artistas começaram experimentando ideias e materiais. Não trabalharam por ‘regras’: usaram imaginação e experiência, moldando seus materiais conforme suas ideias imaginadas”

John Paynter

O projeto realizado na disciplina de Artes para os alunos do primeiro e segundo anos dos cursos de Informática e Mineração do Ensino Médio do IFRN-Parelhas em 2022, intitulado "Pinturas Rupestres Revisitadas – A arte conta sua História através das Pinturas Rupestres", teve como objetivo criar um trabalho artístico integrando as linguagens das Artes Visuais e da Música. Esse trabalho culminou em uma instalação que combinou rochas pintadas e a composição de uma paisagem sonora.

O tema "Arte Rupestre" é frequentemente abordado em livros didáticos de Arte do Ensino Básico, havendo um consenso sobre sua importância no currículo escolar, especialmente nas Artes Visuais. Esse tipo de arte, considerado a expressão mais antiga da humanidade (UIIJE, 2013, p. 47), é encontrado em diversos locais ao redor do mundo, como cavernas, grutas e ambientes ao ar livre. As pinturas rupestres representam o cotidiano, os rituais, as histórias e os desejos dos povos pré-históricos, proporcionando um valioso conhecimento sobre os primórdios da vida humana, suas relações sociais, costumes, crenças e rituais.

O estudo desse conteúdo permite, além do entendimento das técnicas e características das pinturas rupestres, uma oportunidade para que os alunos expressem seu cotidiano e realidade, assim como fizeram nossos antepassados. Esse foi um dos principais objetivos do projeto desenvolvido em sala de aula. Além de estar previsto no currículo escolar, a escolha de trabalhar esse tema se justifica pelo contexto local do campus de Parelhas, situado na região do Seridó Potiguar, reconhecido pela UNESCO como Geoparque Seridó. A região abriga importantes sítios arqueológicos, como o "Sítio Mirador" em Parelhas, com pinturas rupestres que datam de aproximadamente 14 mil anos (PESSIS e MARTIN, 2020, p.31).

Inspirados por essas pinturas locais, os alunos dos cursos de Informática e Mineração elaboraram projetos que "atualizaram" as pinturas em rochas, retratando aspectos de seus cotidianos no IFRN, eventos marcantes como a Copa do Mundo de 2022 e a instalação da Estação Eólica na cidade, além de questões emocionais e psicológicas. Cada projeto foi fruto de um processo coletivo, envolvendo discussões, reflexões, pesquisas, negociações e experimentações. O objetivo central do projeto era conectar a realidade local com a disciplina

30 de outubro a 01 de novembro de 2024
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

de Artes, promovendo uma prática artística significativa que resultou em uma instalação de rochas pintadas e uma paisagem sonora, refletindo as mesmas necessidades dos povos antigos de expressar suas vidas, desejos, crenças e realidades.

É importante destacar que o Campus Parelhas oferece cursos técnicos em Informática e Mineração, o que fez com que o trabalho com rochas dialogasse diretamente com o contexto dos alunos de Mineração. Paralelamente, a composição de paisagem sonora utilizando softwares de edição de áudio se conectou com a formação dos alunos de Informática.

No currículo de Artes, a sensibilização auditiva e o desenvolvimento da escuta têm se tornado abordagens cada vez mais presentes no ambiente escolar, especialmente através de metodologias ativas. Inspirado pelas ideias de Murray Schaffer em "O Ouvido Pensante" (1991) e, especialmente, em "A Afinação do Mundo" (2001), que enfatizam a importância da escuta atenta para uma ecologia sonora, o projeto também incorporou a criação de paisagens sonoras como uma forma de produção musical. Cada ambiente, com seus sons únicos, como o vento, a chuva, o som das máquinas, ou o movimento das águas, contribui para essa grande composição musical do ambiente. Essa prática de escuta, além de sensibilizar o ouvido, ajuda a desconstruir preconceitos sobre o que pode ser considerado música, o que torna sua aplicação no contexto escolar valiosa. A escola, como espaço de experimentação e descoberta, é ideal para desenvolver habilidades como a escuta e ampliar a compreensão estética, especialmente no campo das artes.

Assim, além de observarem as pinturas rupestres no Sítio Mirador e proporem uma narrativa própria inspirada nas artes de nossos antepassados, os alunos foram instigados a ouvirem a paisagem sonora do sítio das pinturas. Imaginem como teria sido a paisagem no passado e criem uma paisagem sonora significativa relacionada à narrativa que criaram imagetivamente para seus projetos.

Desenvolvimento do Projeto

O projeto foi elaborado em 6 etapas principais: 1) Introdução e pesquisa sobre pintura rupestre, instalação e paisagem sonora; 2) Visitação orientada ao Sítio Mirador; 3) Criação de projeto artístico; 4) Coleta de materiais, confecção de tintas e gravação de campo com oficinas de edição de áudio; 5) Produção/ Desenvolvimento dos trabalhos artísticos e 6) Montagem e desmontagem de exposição e avaliação.

Na primeira etapa o projeto foi apresentado aos alunos e foram realizadas algumas aulas expositivas sobre pinturas rupestres; sobre gêneros artísticos das artes visuais, explorando principalmente a instalação; sobre arte sonora e paisagem sonora. Nessa etapa os alunos já se dividiram em grupos de 6 a 8 pessoas e, além das aulas expositivas sobre esses assuntos, fizeram pesquisa e apresentaram em forma de texto.

Na segunda, foram feitas as observações relacionadas às pinturas rupestres do “Sítio Mirador” e à paisagem sonora do local durante visitação. Foi elaborado um roteiro de visitação o qual deveria ser preenchido por cada aluno. Nesse roteiro eles deveriam anotar suas observações a respeito do tipo de imagens que conseguiam observar, detalhando o tipo de figura, se era possível interpretar uma narrativa, que cores estavam presentes, os tamanhos das figuras entre outros. Com rela o   paisagem sonora, foram realizados, durante a visitação, alguns momentos de silêncio coletivo para escuta do ambiente. Eles deveriam anotar suas percepções ao mesmo tempo que também deveriam anotar como imaginavam os sons daquele mesmo ambiente 14 mil anos atrás, quando as pinturas foram feitas.

Figuras I e II: Alunas e alunos do IFRN-Parelhas em visita o ao Sítio Mirador. 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na terceira etapa, de volta à sala de aula, os alunos, divididos em grupos, foram desafiados a criar um projeto artístico que representasse seu cotidiano, seus desejos ou medos, sua realidade objetiva e subjetiva, de forma semelhante às pinturas rupestres, que retratavam a realidade dos povos daquela época. Eles deveriam elaborar um esboço do que pretendiam representar. Geralmente, os alunos com maior habilidade em desenho assumiam essa tarefa, mas a discussão sobre o tema ou a narrativa era realizada de forma coletiva. Além disso, deveriam esboçar a instalação – que tipos de rochas seriam utilizadas, como seriam pintadas e dispostas no espaço, criando uma instalação tridimensional, que pudesse ser vista de todos os ângulos. Após definir a parte visual do projeto, os alunos deveriam pensar na parte sonora. A proposta era que utilizassem o conceito de paisagem sonora, trabalhando com sons do ambiente e incorporando outros que dialogassem com o tema representado na instalação. O projeto sonoro foi inicialmente descrito em texto e, em seguida, organizado em uma linha do tempo, detalhando a inserção dos sons e suas intensidades.

Na quarta etapa, os alunos foram a campo para coletar as rochas necessárias para seus projetos. Além disso, foram produzidas tintas a partir de terra coletada nas proximidades e caulim – um minério branco muito utilizado na região, disponível no laboratório de mineração do campus devido ao curso de mineração. Conseguimos uma quantidade de caulim doada para o nosso projeto. Utilizando água e cola branca, foi possível criar tintas nas cores branca e marrom (em diferentes tonalidades). Todos os projetos deveriam incorporar essas tintas, embora não de forma exclusiva. Para os projetos em que os alunos julgassem necessário o uso de mais cores, tintas industrializadas também poderiam ser utilizadas. Ainda nessa etapa, foram realizadas gravações de campo com os gravadores dos próprios celulares dos alunos e algumas oficinas de edição de áudio no laboratório de informática, utilizando o software Audacity. Alunos familiarizados com outros softwares de edição de áudio tinham a liberdade de utilizá-los para a composição e edição da parte sonora.

Figura 2. Tintas confeccionadas com terra, cola branca, água e caulim. IFRN-Parelhas, 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na quinta etapa do projeto – a produção da obra – a maioria dos grupos se dividiu para realizar as duas partes do projeto simultaneamente. Uma parte do grupo "X" se dedicou à instalação, pintando as rochas e criando as estruturas necessárias, enquanto a outra parte trabalhava no laboratório de informática, editando os áudios para compor a paisagem sonora/música do projeto. Foram necessárias quatro aulas/encontros para a execução dos trabalhos, e muitos grupos dedicaram tempo extra em suas casas ou no próprio laboratório de Artes da instituição. Nessa etapa, cada grupo também elaborou um texto contendo o título da obra, uma breve explicação (abordando a narrativa ou o tema do trabalho), as técnicas utilizadas, os materiais empregados e os nomes dos integrantes. Esse texto seria exposto ao lado da obra durante a EXPOTEC 2022³.

Figuras 3 e 6. Alguns trabalhos elaborados por alunos do IFRN-Parelhas, 2022. Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

³ A Expotec “é um evento realizado pelos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) para divulgar projetos de ensino, pesquisa e extensão, submeter trabalhos científicos, ofertar palestras, oficinas e minicursos, bem como promover atividades artístico-culturais”. (<https://eventos.ifrn.edu.br/expotecnc/2023/home>). É um evento aberto ao público externo ao IFRN, em que escolas da cidade e a comunidade local, de modo geral, são convidadas a visitarem os campi da instituição.

Figura 4. Grupos de alunos trabalhando em Projeto de Pinturas Rupestres Atualizadas no IFRN-Parelhas, 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na sexta e última etapa cada grupo montou sua instalação na sala da EXPOTEC reservada para nossa temática. Os áudios das composições ficavam sendo difundidos no ambiente de forma ininterrupta. Ao invés de um “caderno de visitas”, pequenas rochas pintadas de branco foram dispostas na entrada da sala com canetas para que as pessoas assinassem seus nomes ou deixassem breves mensagens. A exposição durou três dias. Ao final do terceiro dia, cada grupo desmontou sua instalação. Na aula seguinte à exposição fizemos uma avaliação coletiva de todo o processo, em uma roda de conversa em que cada um pudesse se expressar comentando o que funcionou bem e o que poderia ter sido melhor e por quais motivos, bem como o que puderam aprender durante esse projeto.

Figura 5. “Rochas de Visitação” ao invés do caderno de visitas da Exposição “A Arte conta sua História através das Pinturas Rupestres”, IFRN-Parelhas, 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal

Algumas Reflexões

O projeto teve repercussão muito positiva entre os alunos, que ao longo do processo foram se envolvendo cada vez mais demonstrando compreensão de todas as etapas e comprometimento com o resultado. Foi possível reafirmar a importância da pesquisa para apreensão de alguns conteúdos, como o próprio tema da arte rupestre. A visita ao local foi um ponto de extrema importância tanto para melhor entendimento do tema, como para maior envolvimento com o projeto como um todo, pois, além de promover maior convívio entre os alunos e entre a professora fora da sala de aula, estabelecendo um vínculo maior de confiança, foi um momento de vivenciar na prática aquilo que havia sido pesquisado. Muitos relataram que tiveram dificuldade, por exemplo, em enxergar as pinturas (pois muitas estavam quase apagadas ou em lugares de difícil acesso), percebendo a diferença entre o que vemos em uma fotografia e a realidade. Em relação à percepção sonora alguns alunos relataram que praticar a escuta ativa naquele ambiente tornou mais fácil a imaginação de como poderia ter sido a sonoridade daquele mesmo local 14 mil anos atrás – pois o Sítio Mirador fica localizado longe da parte urbana da cidade. Para eles pareceu mais fácil imaginar uma paisagem sonora que não tinha sons de cidade, estando imersos num ambiente sem esses sons. Essa percepção é essencial no processo de aprendizagem e de apropriação de um conhecimento. Além disso, a visita e o desenvolvimento do projeto como um todo pode ter sido importante de forma subjetiva, proporcionando uma experiência genuína.

Em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” (2002), Jorge Larrosa Bondía explora o conceito de experiência desenvolvendo a ideia de que seja algo que nos acontece, que nos afeta, que nos transforma. Ela é o oposto do acúmulo de informação. Ela tampouco é opinião. Experiência é o acontecimento no indivíduo. Assim, o sujeito ou a sujeita da experiência, para ele, se define por receptividade para o desconhecido, o que implica o risco, mas também o prazer. Bondía destaca que a experiência exige pausa, atenção e receptividade, algo oposto à lógica moderna de ação e produção. Exige uma postura quase passiva. No caso da visita ao Sítio Mirador, em Parelhas, alunos e professora, todos nós nos permitimos vivenciar o espaço. Desde a caminhada numa trilha na serra para chegar aos paredões de rochas pintadas, até a fruição da paisagem, quando nos sentamos na Pedra da Boca (localizada um pouco depois das rochas pintadas, seguindo a trilha ascendente na serra) cuja vista do Boqueirão (açude que abastece a cidade e região) era deslumbrante. O ambiente, a paisagem, a ação de seguir uma trilha, possivelmente, nos permitiu viver uma experiência tal qual

entendida por Bondía. Para ele, a experiência é concreta. Assim como foi a visita ao Sítio Mirador e a própria execução de uma obra de arte. A partir da experiência é possível a transformação e, portanto, o próprio desenvolvimento do conhecimento, do aprendizado.

No contexto dos gêneros artísticos "instalação" e "paisagem sonora", a combinação de pesquisa e prática revelou-se eficaz para o aprofundamento do conhecimento dos alunos. No que diz respeito aos elementos musicais, ao explorarem a escuta e a imaginação sobre como poderia ter sido uma paisagem sonora de épocas passadas, os estudantes foram levados a refletir sobre as mudanças sociais e tecnológicas e seus impactos no ambiente natural. Isso implicou naquilo que Schaffer chamou de "limpeza de ouvidos" (1991, p. 67-117), em que os alunos, a partir de uma ação intencional, prestam atenção aos sons que compõe o ambiente, desenvolvendo a percepção sonora, a interpretação e a crítica. Esse tipo de atividade possibilita uma interação mais autônoma e crítica com relação ao ambiente e as relações que estabelecemos no cotidiano. Talvez tenha sido a primeira vez que muitos dos estudantes tenham parado para prestar atenção no ambiente sonoro. Além disso, ao conceberem suas próprias "paisagens sonoras", precisaram considerar tanto o mundo sonoro atual quanto o imaginado. No projeto que realizaram deveriam incorporar também sons relacionados às temáticas de seus trabalhos. Um dos grupos, por exemplo, que explorou o tema de "saúde mental", utilizou no projeto sonoro sons de piano com motivos arpegiados. Para eles, essa sonoridade, de alguma forma, se relacionava com a ideia de "saúde mental". Além desses sons, incluíram sussurros com textos escritos por eles sobre questões pessoais entre outros sons do ambiente do IFRN – Parelhas.

Um dos projetos desenvolvidos pelos alunos abordou a instalação de uma Estação de Energia Eólica na cidade. Esse evento teve um grande impacto local, aumentando temporariamente a oferta de empregos e atraindo trabalhadores de fora, como engenheiros e técnicos, o que afetou os preços dos aluguéis e da alimentação. O impacto ambiental também foi significativo, transformando a paisagem da serra e alterando os hábitos de algumas espécies de pássaros e outros animais. Moradores próximos à instalação relataram mudanças no ambiente sonoro, incluindo um ruído constante, semelhante ao de um avião, que antes não existia, além das sombras projetadas pelas hélices das torres.

Diante desse cenário, um grupo de alunos decidiu retratar esses efeitos em seu trabalho. Como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 8. “A Chegada da Eólica”. Trabalho realizado por alunos do IFRN-Parelhas, 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal

A pintura nas rochas foi utilizada de forma mais ilustrativa, enquanto a paisagem sonora criada pelos alunos contou uma narrativa que começava com sons de pássaros e um ambiente natural, gradualmente evoluindo para o som de aviões, hélices e ruídos urbanos. A maneira como trataram seus sons para comporem suas paisagens sonoras permitiu que percebessem a possibilidade de criação musical/sonora com sons que não necessariamente remetem ao que comumente chamamos de música. A manipulação desses sons foi bastante intuitiva, a partir de um projeto prévio e experimentação buscando um resultado que soasse como eles queriam.

Os alunos se depararam com desafios e dificuldades que somente a partir da pesquisa talvez não tivessem acesso. Mas ao fazer sua própria instalação e paisagem sonora, tiveram que se debruçar por questões para além de um conceito. Também percebemos a importância da apresentação do resultado para o público externo ao da sala de aula, em que além de se exporem, eles deveriam explicar seus trabalhos a um público que não acompanhou o processo.

Ao final do projeto, foi possível observar que os alunos se apropriaram mais do próprio processo criativo e refletiram sobre a importância da arte na construção do conhecimento humano e na expressão de uma sociedade e seu contexto. Paralelamente, reforçamos a ideia de que, ao trabalhar de maneira contextualizada e significativa, é possível desenvolver tecnicamente os elementos próprios da prática artística, além de incentivar uma vivência escolar em que os participantes ocupem seus espaços, reconhecendo-se como peças fundamentais para o desenvolvimento da instituição e da sociedade. A escola existe em função das pessoas que a constroem – docentes, estudantes e trabalhadores de diversas áreas.

Apropriar-se desse espaço e dos saberes que nele circulam é parte de uma pedagogia da autonomia.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/ SEF, 1998. 116p.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CAETANO, Guilherme. Governo de São Paulo reduz artes e filosofia no novo currículo escolar, e aumenta espaço de português e matemática. Em *O Globo*. 17/11/2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sao-paulo/noticia/2023/11/17/governo-de-sp-reduz-artes-e-filosofia-em-novo-curriculo-escolar-e-aumenta-espaco-de-portugues-e-matematica.ghtml>

CARVALHO, Edvaldo do Nascimento. O componente curricular Arte no contexto do Novo Ensino Médio: abordagem, desafios e perspectivas. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v.22, n. 39, out 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/39/o-componente-curricular-arte-no-contexto-do-novo-ensino-medio-r-abordagem-desafios-e-perspectivas#:~:text=Conforme%20abordado%2C%20o%20componente%20Arte,de%20Linguagens%20e%20uas%20Tecnologias>).

CRUVINEL, Tiago. Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio? *Urdimento*, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

GABRIEL, F. A.; PEREIRA, A. L.; GABRIEL, A. C. Redução da carga horária de Artes, Filosofia e Sociologia: Paraná, 2021. *Linhas Críticas*, 28, 2022 (jan-dez), e43033. <https://doi.org/10.26512/lc28202243033>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/43033/34222>, último acesso em 24/07/2024.

PENNA, Maura. *Música(s) e seus ensinios*. (2 ed). Porto Alegre: Editora Sulina, 2010. 246p.

PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. As pinturas rupestres na tradição nordeste na região do Seridó, RN, no contexto da arte rupestre brasileira. *Clio Arquesológica*, 2020, V35, n. 3, pg18-59.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical é cultura: nuances para interpretar e (re)pensar a práxis educativo-musical no século XXI *DEBATES | UNIRIO*, n. 18, p.163-191, maio, 2017.

_____, Música na escola: aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da lei 11.769/2008. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 29, jul-dez 2012. 23-38.

RIBEIRO, Robson Rodrigues. *Educação Musical no Ensino Médio Integrado: um estudo multicaso sobre concepções e práticas curriculares com professores de música de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia*. Dissertação de Mestrado – PPGM-UFPB, orientadora, Maura Penna, João Pessoa, 2017.

SCHAFFER, Murray. *A Afinação do Mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001

_____, *O Ouvido Pensante*. Trad. Marisa Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

TARLAU, Rebecca e MOELLER, Kathrin. O consenso por filantropia como uma fundação privada estabeleceu a BNCC no Brasil. Em *Currículo sem Fronteiras*, v. 20, n. 2, p. 553-603, maio/ago. 2020

UJJIÉ, Nájela Tavares. *Teoria e metodologia do ensino de arte*. Guarapuava: UNICENTRO, 2013. 152P.